

Os tufões da natureza e da guerra

O Mundo ficou estupefacto com a incapacidade da administração Bush para prevenir as consequências do impacto brutal do tufão ‘Katrina’ sobre Nova Orleães. Inépcia na avaliação do risco, apesar do longo tempo de alerta, negligência na evacuação da cidade e incúria no socorro às vítimas.



Assistimos, em directo, durante dias, ao confrangedor espectáculo do abandono de milhares de cidadãos da maior potência da Terra pelo seu governo. A tragédia de Nova Orleães expôs a gravidade da fractura social americana para que alertara Kerry. A indignação dos americanos foi grande, tanto mais que, desde o 11 de Setembro, milhares de milhões de dólares tinham sido gastos em ‘homeland security’, uma megadefesa civil, para proteger as grandes cidades de um ataque terrorista em larga escala e caso necessário prestar-lhes socorro.

Um paralelo foi feito, não sem razão, com a incapacidade da mesma administração para assumir o papel que a democracia americana devia desempenhar na resolução dos problemas do Mundo. O fracasso da administração Bush em Nova Orleães foi o espelho de outros fracassos como o do Iraque e de outras negligências como a atitude em relação ao protocolo de Quioto para contrariar o aquecimento global da Terra.

O ano de 2005 ficou marcado pelas catástrofes naturais, como o ‘Katrina’, e pela resposta, mundial, ao tsunami que, no fim de 2004, devastara o sudeste asiático. O violento terramoto que abalou o sul da Ásia, particularmente o Paquistão, em Outubro de 2005, numa região de difícil acesso, comprovou que quando falta cobertura televisiva em directo, a mobilização da opinião pública mundial é lenta e insuficiente. A selectividade da informação em nada diminui, porém, o facto de se multiplicarem os casos de mobilização mundial cuja importância são já traços dominantes do sistema internacional.

No entanto, esta consciência universal não tem tradução em instituições com capacidade para agir, que a interpretem e congreguem num esforço comum os formidáveis recursos disponíveis. Na resposta à catástrofe de Nova Orleães, comprovou-se, mais uma vez, o papel das organizações não governamentais, mas também os seus limites actuais.

Nunca como hoje foi tão claro que a protecção civil, o auxílio e socorro às vítimas, nomeadamente nos países mais pobres – os mais afectados – tem que ser organizada a nível multilateral, mobilizando estados e organizações de solidariedade.

Tragédias como a de Nova Orleães demonstram que nenhum estado do Mundo, nem mesmo o mais poderoso, pode considerar que resolve todos os seus problemas sozinho e negligenciar a cooperação internacional, o saber fazer com os outros. O momento virá sempre em que o apoio do Mundo e das suas, ainda frágeis, instituições é essencial para colmatar os limites e incapacidade nacionais. É essa a lição que esperamos a administração americana terá tirado do ‘Katrina’, mas também das numerosas crises internacionais que ficaram sem resposta em 2005.

É indispensável que também a nível multilateral se tomem as medidas necessárias para impedir e travar os tufões da guerra como o que se abate sobre o povo de Darfur ou da Tchetchénia..

Álvaro Vasconcelos, Director do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais